

O uso da cor azul na simbologia da tristeza. A multidisciplinaridade no ensino das artes e no estudo da cor¹

The use of blue color in the symbolism of sadness. The multidisciplinary in the teaching of the arts and the study of color

Valdriana Correa

RESUMO

Esse artigo busca demonstrar, como o estudo da cor pode ser abordado por diversas perspectivas, sendo considerado um tema multidisciplinar, então, discutir esse assunto parece sempre necessário e enriquecedor. Meu objetivo é demonstrar, através de uma investigação que busca exemplos nas artes visuais, na música e no cinema, como a cor azul é utilizada para representar o sentimento de tristeza, melancolia ou solidão. A cor azul, que aqui aparece com um recorte, já assumiu várias representações e simbologias através dos tempos dentro e fora da história da arte, que é o campo ao qual dedico minhas pesquisas. Essa amplitude de vertentes que se apresentam no estudo das cores é o ponto principal e fundamental para que o ensino das artes se apoie nessa colaboração multidisciplinar.

Palavras-chave: Azul; Simbologia; Tristeza

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate how the study of color can be approached by various perspectives, being considered a multidisciplinary theme, so discussing this subject always seems necessary and enriching. My goal is to demonstrate, through an investigation that seeks examples in the visual arts, music and cinema, how the blue color is used to represent the feeling of sadness, melancholy or loneliness. The blue color, which appears here with a cut, has already assumed various representations and symbologies through the times inside and outside the history of art, which- is the field to which I dedicate my research. This breadth of aspects that are presented in the study of colors is the main and fundamental point for the teaching of the arts to be supported in this multidisciplinary collaboration.

Keywords: Blue; Symbolology; Sadness

¹ Este artigo é baseado na apresentação em vídeo exibida durante o Evento que integra o 36º Encontro Nacional da APECV e o 4º Congresso da Rede Ibero-Americana de Educação Artística (RIAEA), de 24 a 26 de maio de 2024.

A cor azul, por vezes, ocupou um local de grande destaque tanto na História da Arte quanto na cultura visual. Desde os períodos da história antiga, o fascínio pelo azul é percebido em várias obras e objetos ritualísticos, os pigmentos azuis, principalmente os extraídos do lápis-lazúli e da azurita, tiveram seu valor bem mais cotado do que o valor do ouro, sendo privilégio da igreja ou de uma burguesia abastada ter tal coloração em algumas de suas encomendas. Assim como em outros períodos artísticos, como no Renascimento Italiano, na Modernidade e até agora na contemporaneidade, o azul continua sendo um tom cercado de peculiaridades históricas e culturais.

Utilizado por Leonardo Da Vinci (1452-1519), para destacar a sensação de profundidade em uma pintura e também para imitar os efeitos do espaço que faz com que os objetos pareçam mais pálidos, azuis e nebulosos entre o meio e o longe, o azul amplia nossa sensação de distância e nos faz experienciar outros tipos de fenômenos ligados a percepção da cor. Em contraponto aos amarelos de Vincent Van Gogh (1853-1890), ou na fase azul de Pablo Picasso (1881-1973), essa cor esteve, por muitas vezes, associada a tristeza e perturbação, mas também já foi sinônimo de representação de poder e santidade.

A cor azul pode representar ou expressar várias simbologias e sentimentos. Ao longo de minhas pesquisas sobre a cor, e principalmente sobre a cor azul, foi possível identificar algumas características no uso dessa cor e categorizá-las de acordo com cada um desses aspectos. Nesse artigo trarei alguns exemplos do uso dessa tonalidade na representação da tristeza, e consequentemente poderemos observar de modo intrínseco, a multidisciplinariedade que se apresenta quando pensamos no estudo da cor.

Trazer essas questões para a sala de aula pode enriquecer muito o debate sobre representações e simbologias da cor, assim como pode ampliar o olhar sob uma ótica que nem sempre estamos acostumados a nos aventurar. Perceber e sentir a cor como um elemento de destaque e que pode nos proporcionar sensações e questionamentos que envolvem arte, história, design, psicologia, sociologia, música e outras tantas disciplinas, torna esse estudo algo fascinante.

Vamos falar sobre alguns desses exemplos que nos remetem a essa simbologia da tristeza diante da cor azul.

O azul na História da Arte

Nas artes visuais a cor sempre foi um elemento de destaque. Por muito tempo subjugada pela linha e pela forma, conquistou sua emancipação principalmente a partir da modernidade. Não é de hoje que a cor azul pode

estar envolvida na representação de sentimentos como a tristeza, angústia ou a solidão, vamos começar pelos azuis de Vincent Van Gogh. Em muitas de suas cartas escritas para seu irmão Theo, Van Gogh falava sobre a cor azul e o quanto ela era intrigante e instigante dentro do seu processo criativo.

Continuo sempre à procura do azul. As figuras de camponeses, aqui, em geral, são azuis... isto é muito bonito. E desde o começo me impressionou. As pessoas daqui também vestem instintivamente roupas do mais belo azul que eu jamais vira (VAN GOGH, 2016 p. 129).

Nesse trecho de uma das cartas, Van Gogh ressalta o que pode ser encontrado em alguns de seus quadros, camponeses trajando vestes em tons de azul. Aliás ao longo de sua produção artística podemos encontrar diversos personagens representados trajando azul. O azul era a cor utilizada pelos operários por ser um corante produzido pelo índigo o que o tornava extremamente barato. Sendo essa classe pobre a maioria dos retratados por Van Gogh, é de se entender que em sua maioria sejam pessoas de vida difícil e sofridas, o que nos dá uma associação com a tonalidade (Figura 01).

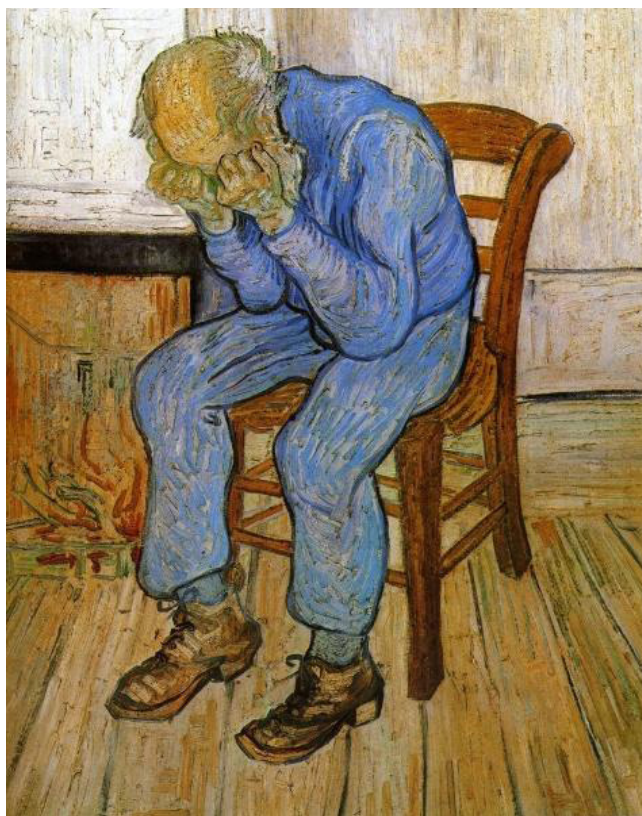


Figura 01 - Vincent Van Gogh (1853-1890) *Sorrowing Old Man*, 1890 Óleo sobre tela | Rijksmuseum Kröller-Müller/Paises Baixos

O azul, na obra de Van Gogh, explora uma mensagem emocional muito forte. Em oposição aos tons de amarelo, o azul representa o frio da alma e o espírito atormentado do pintor, que teve o início de sua produção na Holanda, com tons mais escuros, mas que encontrou a luz dos amarelos, no período em que viveu na França e no contato com os impressionistas.

No final de sua vida, já muito atormentado pela doença, os azuis se intensificam demonstrando toda a sua confusão mental, como podemos perceber na obra *Ronda dos Prisioneiros*, 1890, (depois de Gustav Doré 1881) (Figura 02), que retrata um grupo de prisioneiros andando em círculos em um pátio claustrofóbico, com muros altos e tijolos que transmitem uma sensação de angústia, aprofundada pelos tons de azul e verde. A cena lembra o período em que Van Gogh esteve em isolamento no sanatório em Saint Rémy, época em que ele produziu essa obra.

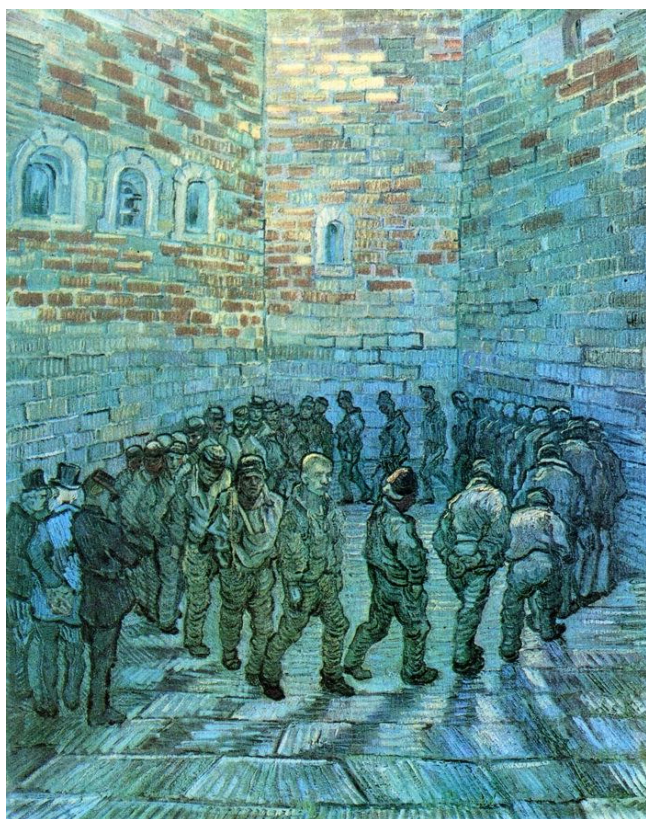


Figura 02 - Vincent Van Gogh (1853-1890) *Prisoners' Round*, 1890 | Óleo sobre tela | Pushkin Museum, Moscow

Não é minha intenção reduzir a genialidade criativa de Van Gogh as suas questões emocionais, mas ao longo de diversas pesquisas podemos concluir que essa condição tem forte representação em suas obras e a utilização das cores, em especial o azul e o amarelo, desvelam uma ambiguidade de sentimentos e uma dualidade de emoções que ora se complementam e ora se distanciam.

Alguns anos mais tarde encontraremos na obra de Pablo Picasso uma fase azul que é determinada por momentos de tristeza profunda e perdas significativas na vida do pintor.

O período azul de Picasso é o período entre 1901 e 1904, quando pintou obras essencialmente monocromáticas em tons de azul, apenas ocasionalmente aquecidas por outras cores. Essas sombrias obras, inspiradas na Espanha, mas pintadas em Paris, são agora algumas de suas obras mais populares. Em 1903, ele havia produzido suas obras do período azul, que pareciam refletir sua experiência de pobreza relativa e instabilidade, representando mendigos, moradores de rua, velhos frágeis e cegos e algumas prostitutas (Figuras 03 e 04). Enfim, toda a sorte de pessoas marginalizadas ou vítimas da sociedade, cujo *pathos*¹ reflete

1 Pathos ou path é uma palavra grega que significa paixão, excesso,



Figura 3 - Pablo Picasso (1881-1973) *Nu Azul*, 1902 | Óleo sobre tela | Museu Picasso, Barcelona / Espanha



Figura 4 - Pablo Picasso (1881-1973) *Mãe com Criança*, 1902 | Óleo sobre tela | Fogg Art Museum, Cambridge, Massachusetts, USA

o sentido de isolamento do próprio artista, todos retratados com uma melancolia levemente sentimentalizada, expressa em frios e etéreos tons de azul.

O primeiro ciclo de grandes obras do período azul teve início com a obra *Evocation* ou *O funeral de Casagemas* (1901). Casagemas era amigo de longa data de Pablo Picasso, e,

catástrofe, passagem, passividade, sofrimento, sentimento e doença. O conceito filosófico foi criado por Descartes para designar tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado (pelos filósofos) de pathos.

depois de uma grande desilusão amorosa, acabou por tirar a própria vida. Nesse momento Picasso se sentiu culpado pela morte do amigo, e por não estar perto dele nesse momento e não ter podido impedir esse ato de desespero de seu melhor amigo. A partir desse quadro (Figura 05), todos os demais foram banhados em um tom de azul profundo, tom que Picasso escolheu para representar toda a sua tristeza e a tristeza do mundo que o cercava.

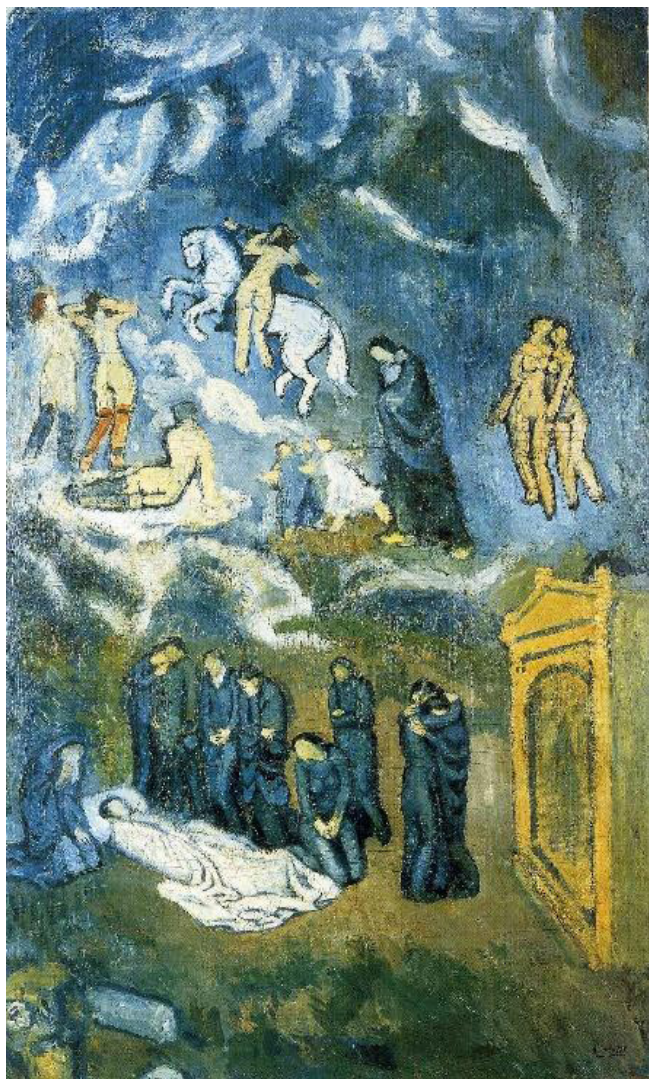


Figura 05 - Pablo Picasso (1881-1973) - *Evocation (O Funeral de Casagemas)*, 1901 | Óleo sobre tela | Fonte e localização: Musée D'Art Moderne de la Ville de Paris, França

Pablo Picasso é um dos artistas mais lembrado quando se fala da cor azul e ele a utilizou muito bem no que tange a simbologia e a carga emocional de suas obras. Podemos dizer que a partir de Picasso o azul foi associado diretamente a tristeza e a dor, assim como talvez não seja errado afirmar que ele influenciou o estilo de alguns artistas.

Em Picasso, a tristeza associada ao azul é muito mais explícita do que em Van Gogh. Em Van Gogh havia uma certa dualidade entre os sentimentos e seus pigmentos, como se

a felicidade do amarelo se mesclasse a tristeza do azul. No caso de Picasso o azul transborda em sua obra solitário e frio, mostrando em toda sua essência uma representação da melancolia e de sentimentos de depressão.

Assim como Pablo Picasso teve sua fase azul, podemos dizer que alguns artistas também escolham esse tom para relacionar fases de suas obras que possivelmente estejam ligadas a períodos de transformação ou de adaptação pessoal a eventos emocionais.

O azul tem um poder enorme de nos transportar para mundos longínquos nunca habitados e que em algumas vezes só existem dentro de nós mesmos.

A artista brasileira Suzana Queiroga (1961), tem uma relação muito forte com o azul, e isso vem de uma experiência traumática da sua infância: ela conta que perdeu o pai em um acidente aéreo, quando sua mãe tinha 22 anos e estava grávida dela. O avião em que ele estava explodiu e caiu no mar. Ela só veio a saber sobre a história da morte do pai quando tinha 4 anos de idade, e desde então o céu e o mar tornaram-se cenários da imensa dor que ela sentia por ter nascido órfã de pai.

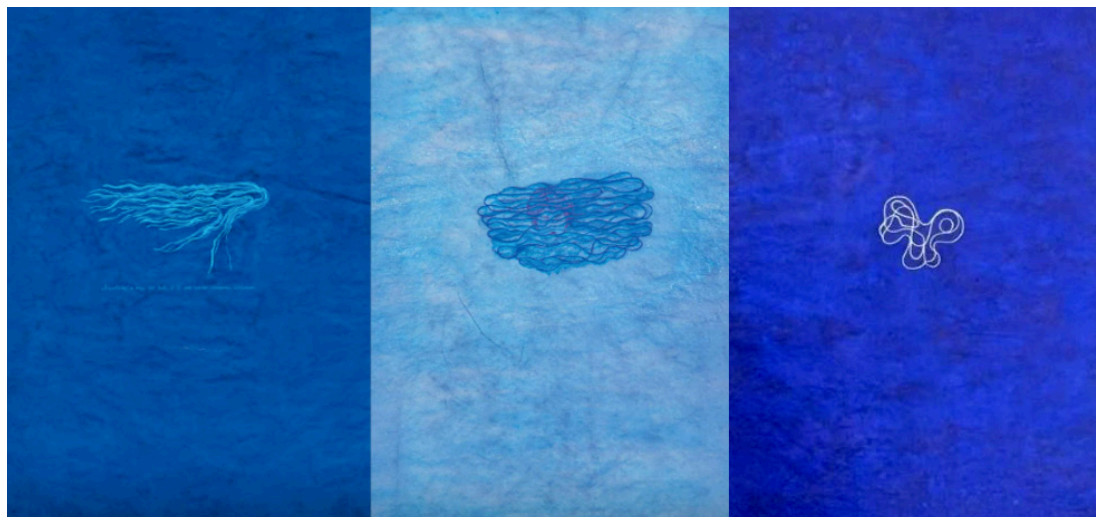
Na obra de Suzana podemos identificar a representação da tristeza, da melancolia e da solidão através do azul, coisa que ela mesma admite em diversas entrevistas. Ela descreve a relação do azul com um sentimento de profunda solidão, solidão essa, que para Suzana sempre esteve ligada ao ar e a água, e a esse limite tão tênue que nos coloca entre esses dois azuis.

Na instalação *Olhos d'água*, 2013 (Figura 06), que leva o nome da exposição, é possível contemplar um inflável que flutua sobre nossas cabeças e que nos faz indagar se estamos no céu ou no mar ou qual sentimento nos desperta estarmos envolto em um azul tão profundo.



Figura 06 - Suzana Queiroga. *Olhos d'água*, 2013 | Museu de Arte Contemporânea de Niterói/ RJ

Figura 07 - Suzana Queiroga (1961) *Ilhas e Nuvens*, 2013 | Guache sobre papel | Museu de Arte Contemporânea de Niterói / RJ



Em um outro momento da exposição encontramos a série *Nuvens e Ilhas* (Figura 07), onde Suzana nos descreve de forma simples o seu entendimento sobre a solidão e a relação entre céu e mar e claro, o azul presente neste universo peculiar.

Assim como as ilhas são apontamentos da terra no meio do oceano, as nuvens são um apontamento da água no meio do céu. Porque a nuvem, na verdade, é um jeito que a água deu pra voar. Eu vejo as nuvens e as ilhas como elementos apartados de sua origem. A ilha está apartada do continente, então ela tem esse isolamento, essa solidão e é circundada por um grande azul. E a nuvem saiu voando e também está relacionada a um oceano de azul, uma fuga solitária e triste do seu mundo original (QUEIROGA, 2013).

Saindo um pouco do escopo das artes visuais, gostaria de me utilizar agora de alguns exemplos encontrados na cultura visual para a mesma representação da tristeza pela cor azul. Falaremos um pouco de música e depois sobre cinema.

O ritmo do Azul

É comum associarmos cores com sentimentos, dizemos “vermelho de raiva” e “verde de inveja”, em nosso linguajar esse hábito é muito normal, e na língua inglesa isso não é diferente, mas existe uma expressão que não é muito comum para nós: *feel blue*. Que em tradução livre significa se sentindo azul.

Se no português o azul se relaciona com a felicidade (como na expressão “tudo azul”), no inglês é o contrário: *blue* passa a ideia de tristeza e depressão. Então, *feel blue* significa sentir-se ou estar para baixo, triste, deprimido ou melancólico.

Se a instrumentação do *Blues* e a sua anatomia vocal são bem conhecidas, a palavra em si já gerou várias pesquisas e interpretações, no Livro de Roberto Muggiati, *Blues: da lama à fama*, que trata da história das origens do *Blues*, podemos encontrar uma passagem que tenta explicar a relação da palavra com o sentimento por ela representada.

A expressão *to look blue*, no sentido de se estar sofrendo de medo, ansiedade, tristeza ou depressão, já era corrente em 1550. Na época pós-elisabetana, ou, mais precisamente, como registraram os lexicógrafos, a partir de 1616, era costume empregar o termo *blue devils* para designar espíritos maléficos. Em 1787, os *blue devils* passaram a simbolizar um estado de depressão emocional, enquanto a palavra do plural, *blues*, aparecia em 1822 relacionada às alucinações provocadas pelo *delirium tremens*. Nos anos 1830 ou 1840, dizer que a pessoa tinha os blues significava que estava aborrecida; em 1860, já significava infelicidade (MUGGIATI, 1995 p. 15-16).

O *Blues* foi a primeira e principal forma cultural especificamente negro-americana, originária nos cânticos religiosos que eram entoados enquanto os negros trabalhavam arduamente, como forma de alívio e distração, foi-se moldando como forma de expressar a tristeza de um povo escravizado e segregado.

O *Blues* é caracterizado por uma progressão específica de acordes, assim como pelas *blues notes*. Uma *blue note* é uma nota cantada ou tocada com um timbre ligeiramente mais baixo do que o da escala maior, o que faz com que a nota tenha um som distintivamente triste e melancólico.

The Blues ain't nothing but a good man feeling bad. Esse trecho de uma canção do guitarrista estadunidense Kenny Neal (1957), pode ser traduzido de forma livre como: “O *Blues* não é nada além de um bom homem se sentindo mal”. Esse sentimento de tristeza é a essência do *Blues*. Há nos cantos religiosos dos escravos negros uma mistura de profunda tristeza e de alegria fervorosa, de desencanto com o presente e a saudade do passado. É a incerteza do futuro se traduzindo em notas musicais, ou a tristeza se materializando através de uma cor. Ainda no livro citado acima, Muggiati define e compara o *Blues* e o sentimento por ele expressado.

... o *Blues* é um estado de espírito e a música que dá voz a ele. O *Blues* é o lamento dos oprimidos, o grito de independência, a paixão dos lascivos, a raiva dos frustrados e a gargalhada do fatalista. É a agonia da indecisão, o desespero dos desempregados, a angústia dos destituídos e o humor seco do cínico. O *Blues* é a emoção pessoal do indivíduo que encontra na música um veículo para se expressar (MUGGIATI, 1995 p. 22).

Mas será que uma cor pode nos contar histórias? Podemos dizer que sim. E isso pode acontecer através do cinema.

O Azul no cinema

No cinema, as cores são um dos principais elementos da composição de uma obra, seja através do figurino, do ambiente e até dos efeitos de pós-produção. Elas são utilizadas para trabalhar e mexer com as emoções dos espectadores e impactam diretamente na experiência que teremos ao assistir um filme.

Tomemos alguns exemplos de obras cinematográficas onde podemos encontrar a cor azul ligada diretamente ao sentimento de tristeza e solidão dos personagens envolvidos.



Figura 8 - A
Liberdade é Azul.
Direção de Krzysztof Kieślowski.
Paris: MK2
Productions, 1994. 1
DVD (200 min.).

Começemos pelo filme *A Liberdade é Azul*, primeiro filme da trilogia das cores de Krzysztof Kieślowski (1941-1996), temos um anti-drama trabalhado em cima do sempre muito difícil conceito do luto (Figura 08).

O diretor traz imagens muito fortes e sutis em uma cena onde a personagem aparece submergindo dentro de uma piscina (Figura 08). Dentro daquela imensidão azul ela tenta se alienar do mundo real ao mergulhar a fundo e abraçar a depressão do luto. O filme é banhado por um tom de azul determinante para que se possa perceber a profundidade dos sentimentos envolvidos e da frieza da solidão. E mesmo quando essa cor não está presente por inteiro, algum objeto em azul é percebido nas cenas para lembrar que a tristeza ainda permeia a vida da personagem. Talvez, tenhamos aqui uma relação com a obra de Suzana Queiroga, que também nos envolve em azul profundo.

O azul pode ser visto como uma simbologia ao estado de melancolia que a personagem principal se encontra. O diretor utiliza filtros para deixar a imagem menos saturada e consegue assim que quase tudo que cerca a viúva, interpretada por Juliette Binoche (1964), fique azul. Como uma eterna lembrança de que agora ela está sozinha no mundo, essa forte presença do azul nos cenários e na fotografia serve para representar a memória que evoca a forte depressão da personagem.

Apesar do título do filme fazer referencia a liberdade, é importante ressaltar que para atingir essa liberdade é preciso mergulhar na tristeza e no luto para depois poder emergir e novamente respirar.

Um outro exemplo menos denso é *Divertidamente ou Inside Out*, 2015 (título original) um filme de animação estadunidense de 2015 produzido pela *Pixar Animation Studios* e lançado pela *Walt Disney Pictures* (Figura 9). Dirigido por Peter Docter (1968), o filme ganhou dois óscar no ano de 2016, melhor animação e melhor roteiro.

Figura 9 -
Divertidamente.
Direção de Pete
Docter.

Los Angeles:
Disney•Pixar's
Studios, 2015. 1 DVD
(95 min.).



Em *Divertidamente*, temos a representação da tristeza como sendo um personagem de cor azul. Fisicamente descrita como sendo baixa, azul, gordinha e com um ar deprimido, a Tristeza usa óculos e anda sempre com um casaco branco e carrega um ar cabisbaixo. Com esse ar pessimista e desanimado, a Tristeza no filme personifica tudo aquilo que gera infelicidade para a pequena protagonista do filme. A Tristeza está associada aos momentos de angústia e de aflição, onde a personagem Riley se sente melancólica, inquieta e sem esperança.

Uma observação sobre o uso das cores no filme *Divertidamente* é o fato da personagem da Alegria, representada pela cor amarela, ter os cabelos azuis. A princípio isso me deixou um pouco intrigada, mas depois de algumas pesquisas acabei descobrindo que era intencional. Segundo o diretor do filme, em entrevista sobre o assunto, a personagem da alegria tem os cabelos azuis para frisar uma questão bem importante: ninguém é 100% feliz. E vale aqui ressaltar que essa aproximação entre azul e amarelo / tristeza e alegria, pode acabar nos remetendo a dualidade da obra de Van Gogh que já foi comentada anteriormente.

No filme, *O Regresso* (2015), do diretor de Alejandro González Iñárritu (1963), o azul é a principal cor presente e é utilizada para dar a sensação de isolamento e solidão que o protagonista, interpretado por Leonardo DiCaprio (1974), enfrenta durante sua peregrinação em busca de vingança. Sentimentos como melancolia e solidão são ressaltadas com a utilização de filtros de cor azul (Figura 10).

Essa mesma técnica de utilização de filtros que vimos em *A Liberdade é Azul* e agora em *O Regresso*, lembram muito as obras do artista francês Jacques Monory (1924-2018) que também utilizava uma espécie de filtragem azuis em suas pinturas. faz do empréstimo fotográfico e cinematográfico, do uso do monocromático, da frieza do toque e da composição, características de um estilo singular de representação, muitas vezes banhado em tons de azul. Quase todas as suas obras estão em azul.



Figura 10 - O Regresso. Direção de Alejandro González Iñárritu. Los Angeles: 20th Century Fox, 2015. 1 DVD (156 min.).

O azul em Monory não tem uma relação com a tristeza, mas sim com uma intenção de encobrir ou disfarçar a violência intrínseca em seus quadros (Figura 11). Para ele, o azul também tem um valor principalmente protetor contra um mundo cruel, o único caminho que permite que ele faça uso de um estilo preciso e bem desenhado, sem comprometer a terrível realidade que o rodeia. Assim, o azul é um filtro entre o pintor e um mundo doente, que não pode ser reproduzido com suas cores verdadeiras. Embora algumas imagens de Monory ainda pareçam perturbadoras com referências à violência e ao medo, seu "mundo azul" ainda é silencioso, em comparação com a realidade das coisas.

Mas esse mundo silencioso também pode estar relacionado a solidão e a tristeza como acontece na cena do filme *Procurando Nemo*, onde o azul invade a tela para demonstrar um momento de tristeza e perda de um dos personagens principais. O fato de a animação ser ambientada no fundo do mar, o que coloca o azul em primeiro plano, faz com que as cenas sejam bastante coloridas em função do cenário marítimo, mas na cena em questão todas as cores são tomadas por um filtro azul para intensificar esse momento de tristeza (Figura 12).



Figura 11 - Jacques Monory (1924-2018) *Antoine nº 6, 1974* | Serigrafia sobre papel velin | Centre George Pompidou/ Paris



Figura 12 - *Procurando Nemo*. Direção de Andrew Stanton. Los Angeles: Disney•Pixar's Studios, 2003. 1 DVD (90 min).

É o momento em que o personagem descobre que sua companheira e todos os seus filhos foram mortos em um ataque de tubarão. Nesse momento tudo fica azul, destacando a solidão e desespero desse momento triste do filme, mas quando ele percebe que um dos ovos sobreviveu ao ataque as cores retornam a cena.

São detalhes como estes, percebidos em pequenas cenas, que fazem a diferença na hora de representar uma sentimento ou uma ação sobre o destino dos personagens. Certamente o azul, ou a maneira do uso do azul, pode ter passado despercebido para alguns espectadores tantos nas artes como no cinema, mas é importante treinarmos nosso olhar para que possamos interpretar as mensagens contidas na cultura visual. Está nisso o cerne do que chamamos de leitura de imagem. As imagens, como foi apresentado aqui, falam conosco através de símbolos, e as cores podem ser um símbolo de representação e expressão, quer seja visualmente ou semanticamente.

Meu recorte aqui foi da cor azul e dessa simbologia específica da tristeza, mas muitas cores e muitas questões

podem ser trazidas para a sala de aula com o intuito de despertar um olhar mais crítico e mais pessoal sobre o que vemos e o que sentimos quando o assunto é arte.

Considerações finais: a multidisciplinariedade no estudo da cor

Dentro das simbologias atribuídas a cor azul tanto nas artes, quanto na cultura visual, incluindo marketing e publicidade, a relação da cor com a expressividade sentimental foi aqui demonstrada tangenciando a representação da tristeza, melancolia e solidão.

Vale lembrar que essa é somente uma das simbologias dessa tonalidade. Em outras abordagens poderíamos relacionar a cor azul a inúmeras outras significações, algumas até conhecidas por nós, assim como poderíamos ter utilizado nesse artigo diversos outros exemplos que certamente vieram-lhes à mente enquanto esse texto era lido. Isso prova que diante do azul nossa imaginação, criatividade, expressividade e interpretação ultrapassa muito a nossa consciência e nossa capacidade de compreensão sobre o poder relevante da cor.

Tanto na escolha de um tubo de tinta, ou um figurino para uma produção cinematográfica, a escolha da cor nunca é aleatória, sempre existirá uma intencionalidade na sua escolha, consciente ou inconscientemente a cor imprime sua mensagem, transmite sua eloquência.

Essa eloquência também se apresenta de maneiras diversas dependendo da cultura envolvida. O meu azul, pode não ser o seu azul. Podemos não enxergar a mesma coisa, assim como podemos não sentir o mesmo sentimento diante do mesmo estímulo visual. Uma palavra, uma cor, uma imagem. Suportes diferentes para a mesma representação que chegam até nos filtrados pela nossa bagagem cultural.

Seja nos acordes melancólicos do *Blues*, nos filtros cinematográficos encontrados também em Monory, ou no *pathos* da tristeza em obras de Van Gogh e Picasso, o azul desempenha sua missão nos transportando através da dor e do sofrimentos dos personagens envolvidos. E mesmo para aqueles que não estão acostumados a essa associação, pois nossa cultura costuma perceber o azul como algo bom e feliz, fica aqui a provocação: se nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que é azul é bom.